

A identidade pessoal só é definível em contato com o outr@. É apenas quando encontramos o outr@ que reconhecemos o eu. Esse encontro é uma das atitudes mais arriscadas que podemos ter em nossas vidas. Isso porque o outr@, o desconhecido pode causar pânico.

Para vermos esse pânico, basta observarmos as nossas atitudes ante o outr@: desprezo, desconfiança, mas também curiosidade, agrado. Contudo, Lévinas demonstra que temos a tendência de negar o outr@, negar sua independência. Pensamos em tomar posse do outr@. Mas isso não é tão simples. Isso significa reduzi-lo a algo análogo a nós. Tentamos anexá-lo a nós mesmos, vendo-o como nossa extensão. É nesse sentido que procuramos compreendê-lo. Essa compreensão deriva do exotismo que o outr@ nos proporciona. Buscamos compreendê-lo porque é exótico. É uma “coisa” que nos chama a atenção.

Não é possível ter diálogo com esse tipo de atitude. Isso porque “roubamos” aquilo que nos atrai no outr@. Muitas vezes sem a permissão dele. Nesse tipo de relação, há apenas um sujeito e um objeto: o eu é sujeito e o outr@ é objeto. Quando temos o que queríamos, largamos o outr@ à sua própria sorte. Pensamos, contudo, que fizemos um “favor” a ele, já que o tornamos uma extensão nossa e, a partir desse encontro, podemos dizer que o “compreendemos”, que o “civilizamos”, como fizeram os colonizadores. Nada mais distante da verdade. O outr@ não é objeto de nosso conhecimento. É um sujeito. Sujeito como nós. Lévinas nos mostra

como estamos enganados quando pensamos em compreender antes de aceitar.

O diálogo é a única forma de conhecermos o outr@, e, por sua vez, é necessária a aceitação do outr@ como sujeito para podermos ter o diálogo: “Compreender uma pessoa é já falar-lhe”.² Talvez no caso brasileiro, antes de falar-lhe, seja necessário ouvi-la, pois não é possível o diálogo com um objeto. Isso é um monólogo. No diálogo, apreendemos do outr@ o que ele nos permite. Ele, por sua vez, apreende de nós o que permitimos. É uma relação de complementaridade. Há um enriquecimento mútuo, advindo da própria diversidade. É nesse tipo de encontro que se dá a formação da identidade.

Em contato com o outr@, vemos o que temos em comum e o que nos torna diferentes. O diálogo permitiu que ambos os sujeitos se encontrassem e houvesse um conhecimento mútuo, sem violência e sem medo.

Também em relação a grupos étnicos é assim que acontece. As diferenças acabam por se fazer importantes porque delimitam o eu e o outr@, o nós e o el@s. Não é menos desafiadora a relação entre dois grupos étnicos. Só que o diálogo torna-se mais difícil. Há conflitos muito mais profundos, pois as diferenças podem ser absolutizadas e utilizadas para a opressão.

O povo negro hoje tem uma retomada de sua auto-estima. Começamos a nos ver como sujeitos de nossa história. Estamos começando a tomar a palavra e fazermos ouvir. Não somos tábulas rasas: temos

conhecimentos que podem ser trocados para o enriquecimento mútuo, de brancos e negros. Não queremos que nos compreendam, no sentido acima exposto, mas que conversem conosco, que dialoguem. Com esse diálogo todos ganham, pois o aprendizado não será unilateral (um ensina e o outr@ aprende), mas mútuo. Nossas diferenças serão parte da contribuição original que temos a oferecer um ao outr@, espontaneamente.

Nossa identidade está sendo reconstruída, pois a que recebemos estava por demais estereotipada. Reconstruímos a nossa identidade diariamente, enfrentando preconceitos que ainda insistem em manifestar-se.

Notas

- 1 Ezequiel de Souza é estudante de Teologia na Escola Superior de Teologia e de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista do CNPq, integrante do Grupo de Negros da EST e representante do corpo discente no Conselho de Pesquisa da EST. Este texto é parte da Oficina Comunicação e Cultura – Formas como São Transmitidos Preconceitos Raciais, ministrada no XV Acampamento Repartir Juntos, em Concórdia, Santa Catarina, nos dias 15-19 de janeiro de 2003.
- 2 Emmanuel LÉVINAS, A ontologia é fundamental?, in: id., Entre Nós: ensaios sobre a alteridade, Petrópolis: Vozes, 1997.

Horizontes de cura do preconceito

Maricel Mena López

Este foi o tema da oficina promovida pelo grupo Identidade durante o Encontro de Pastoral Luterana, realizado em Marechal Candido Rondon em fevereiro de 2003. A oficina foi coordenada por dois estudantes, Fernanda Tolsdorf e Ezequiel de Sousa, e pela Prof. Dra. Maricel Mena López.

Começamos o nosso trabalho falando sobre atitudes e falas preconceituosas que circulam no nosso cotidiano. Em seguida motivamos os e as participantes a escrever numa folha frases preconceituosas que escutamos no nosso cotidiano. Cada pessoa fez a leitura em voz alta da frase, destacando o quanto essa linguagem é reprodutora de racismos, sexismos e classismos. Então destacamos a necessidade de abrir as

nossas portas eclesiais para outros grupos e comunidades que foram excluídas consciente ou inconscientemente das nossas comunidades eclesiais. Por exemplo, os afro-brasileiros, os indígenas, e muitas mulheres de espaços de lideranças. Num ato simbólico de compromisso com meus semelhantes fizemos uma queima simbólica dessas frases, comprometendo-nos com a luta contra os preconceitos em nossas comunidades.

Uma vez feita essa queima, surgiu a seguinte pergunta: como teria atuado Jesus no seu tempo, perante as pessoas que não eram de seu grupo social? Assim, fizemos a leitura do texto de Mc 7.24-30. Esta foi a pergunta norteadora do trabalho feito em pequenos grupos. A maioria dos